

Uma formação para pensar a experiência-uma experiência para pensar a formação:

o relato de um encontro

Priscila da Silva Rodrigues

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista CAPES*; Mestra em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Especialista em educação social. Pesquisadora no NEFI (Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias), no GELFORPE/CNPq (Grupo de Estudos em Linguagem Formação de Professores e Práticas Educativas), e no GEPEMDECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais e Educação do Campo e da Cidade). E-mail: psrodrigues1308@gmail.com

Caroline Couto

Doutoranda em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), bolsista CAPES* PROSUC/Modalidade I. Mestra em Educação (UNISC). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Inclusão e Produção de Sujeitos. E-mail: rosacouto.c@gmail.com

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Escrevemos a partir de um encontro: entre uma baiana pedagoga, mestra e doutoranda em Educação, e uma gaúcha psicóloga, mestra e doutoranda em Educação, para rememorar uma experiência e para experienciar os ecos deste encontro. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o relato de uma formação que aconteceu junto ao Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-Campus Dois Rios), em Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro (Brasil), em novembro de 2022. O NEFI trabalha no ensino, na pesquisa e na extensão da universidade e fora dos seus muros, e reuniu em um encontro de formação membros e convidados/as, incluindo professores/as e pesquisadores/as de diferentes instituições, nacionais e internacionais, para pensar a formação e pensar a experiência de pensamento. Juntos/as perguntamos pela formação de formadores na área da educação. Um encontro no Brasil, para pensar a formação, a pesquisa, a educação, reunindo pessoas de outros países e de instituições variadas. E assim, em formação, assumimos as experiências filosóficas como meio de partilha para uma construção individual e coletiva, celebrando a democracia e a heterogeneidade do grupo, como um convite para a experiência de pensamento.

Palavras-chave

Encontro; Experiência; Formação.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o relato de uma formação que aconteceu junto ao Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-Campus Dois Rios), em Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro (Brasil), em novembro de 2022. Escrevemos a partir deste encontro que provocou um encontro outro, singular, entre as autoras: uma baiana pedagoga, mestra e doutoranda em Educação e uma gaúcha psicóloga, mestra e doutoranda em Educação. Escrevemos, ainda, para recordar esta experiência e para experimentar os ecos do próprio encontro.

No encontro das autoras, ambas brasileiras, mas vindas de diferentes pontas do país, foi comum brincar com as palavras, que mesmo partilhadas em um mesmo idioma, foram sendo descobertas por uma e pela outra¹. E desse brincar com as palavras emerge esse texto, na intenção de viver a escrita como exercício, reviver memórias, reinventar o escrever-pesquisar-formar, experimentar experiências outrora vividas e deixar rastros das histórias de uma viagem que começou e não teve fim, segue movimentando.

Para tanto, este trabalho está estruturado em três momentos: o primeiro visa contextualizar a experiência de pensamento como forma de aprendizagem e estímulo a maturação de ideias, discussão em grupo e crescimento intelectual; o segundo busca discutir a formação do formador como ser inconcluso e aprendiz, que por meio do diálogo e da troca entre pares expande; e a terceira, propõe uma breve análise sobre a potência dos encontros, quando assumimos as experiências filosóficas como meio de partilha para uma construção individual e coletiva, celebrando a democracia e a heterogeneidade do grupo, como um convite para a experiência de pensamento, respeitando a democracia e a heterogeneidade do grupo, para pensar a formação de formadores na área da Educação em um país multicultural como o Brasil.

Experiências de pensamento

A XIV Experiência de Formação do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias NEFI/UERJ, aconteceu em Ilha Grande entre os dias 14 a 18 de novembro de 2022, com duração de 40 horas, e foi pensada como espaço para experiências de pensamentos. Uma

¹ Por se tratar de regiões diferentes de um país com dimensões continentais como o Brasil, os estados da Bahia (nordeste) e do Rio Grande do Sul (sul) têm expressões específicas para se referir a determinadas coisas e situações, fruto da intensa variação linguística brasileira.

experiência de pensamento é como um acontecimento - não se esgota pela linguagem, mas faz vibrar, também por palavras, o que se passa e o que se escapa entre coisas e proposições. Para uma experiência de pensamento acontecer, o diálogo precisa ocupar maior espaço, emergindo mais como composição do que estrutura (KOHAN; OLARIETA, 2012). Uma experiência de pensamento faz interrogar.

Nos encontramos uns com os outros e com a filosofia, para perguntar e pensar a educação, a formação e a pesquisa. Conforme o que o convite de Kohan (2021) sobre “o que conta é que questionemos juntos o mundo comum que habitamos, que nos façamos um mundo de perguntas e perguntas, no mundo, sobre o mundo, desde o mundo, para pôr em questão o modo em que habitamos esse mundo” (2021, p. 25). E foi isso que foi vivenciado na Ilha: a experiência de pensar e refletir por meio da desconstrução e reconstrução, extraindo das pessoas presentes todas as certezas pré-concebidas, permitindo um formar em processo atento aos encontros.

O convite para o encontro de formação era um momento de corte: uma pausa no tempo, ou a possibilidade de experimentar um tempo outro, tempo de pausa (das obrigações, para a dedicação a pensar as questões educativas. Experimentar o pensar, pensar a experiência. Para que um encontro assim possa acontecer, como experiência de pensamento, Gomes (2017) destaca, a partir das orientações de práticas do NEFI junto às escolas, que o exercício de diálogo precisa ocorrer tendo por princípio a busca de uma escuta e fala horizontalizada e não a permanência de voz dominante por parte de alguns em detrimento de outros. Espera-se que os participantes conversem, debatam ideias e argumentos, os porquês das coisas do mundo. O papel da docência, nesse processo, seria então o de propiciar essa participação, engendrando as condições para que o diálogo colaborativo se estabeleça, levando-se em consideração o cuidado com as palavras e os gestos de todos que participam. Trata-se de uma experiência

que tem uma dimensão filosófica da incerteza por meio de uma vivência irrepetível, não tendo a pretensão de ser um método educativo aplicável com a espera de um resultado. Também não é qualquer coisa em que vale-tudo. É uma atividade específica, inventiva, singular, criativa de pensar o impensável, o impossível, onde nós, sujeitos participantes da escola, corremos os riscos de nos aventurarmos a nos pôr em questão sendo convidados a experimentar, a pensar e a ser de outras maneiras em relação ao que temos sido até agora, trazendo com já dito, transformação e autotransformação (GOMES, 2017, p. 77).

Arriscamos, assim, afirmar que durante aqueles dias formamos uma comunidade de investigação. As perguntas feitas em comunidade são em sentido horizontal, entre educador e educando, entre educando e educando, entre quem estiver presente. Dentro de uma comunidade

de investigação faz-se necessário questionar a hegemonia e a conformidade, pois não se trata de robotizar, e ou unificar numa só voz os diversos participantes, mas harmonizar os distintos. Na comunidade de investigação, o conhecimento é entendido como prática social. Portanto, é preciso compromisso com a democracia. Como viajantes, mantivemos o diálogo e a abertura pelo novo, antes mesmo de atracarmo-nos na Ilha. Aliás, quando começa uma viagem? Quando começa uma formação? O que nos revela a travessia? Ou o que atravessa uma viagem? Por inúmeras vezes fomos provocadas a pensar na educação como uma forma de viagem. A pesquisa é uma viagem?

A Ilha foi palco de nossas experiências de pensamento como formadores e pesquisadores. Uma pesquisa percorre um largo campo do fora e do eu, atravessando subjetividade, obras e encontros variados. Pesquisar é habitar uma fronteira entre o não sabido, o que se sabe e o que se quer aprender-inventar. Assim, uma formação para além da sala de aula é estrado potente para diversas experiências educativas.

Uma formação para pensar a experiência-uma experiência para pensar a formação

A inseparabilidade gráfica marca a inseparabilidade ética, uma vez que não se trata de uma posição binária, só podemos escrevê-las juntas pelo movimento que uma provoca na outra, em nós, e aqui é transformada em relato: uma formação para pensar a experiência-uma experiência para pensar a formação. A XIV Experiência de Formação do NEFI foi marcada pela diversidade, num encontro de multiculturalidade, com participantes de diversas cidades e estados do Brasil, além de outros países do mundo, como Argentina, Itália, Cabo Verde, entre outros, que apareceram nas experiências do grupo (por memórias de migração, de viagens e formações outras). O grupo era composto por graduandos, pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) e professores, sendo que alguns ocupavam todas estas identidades ao mesmo tempo. De um modo mais consistente e abrangente, poderíamos definir que era um grupo de interessados e apaixonados por pensar a educação – algo como quando todos os retalhos se unem a formar uma grande e maravilhosa colcha de tecidos coloridos e vivos.

O campus da UERJ Dois Rios é um lugar de aprendizagem que tem contato direto com a natureza, dotada de uma paisagem impressionante. O local encontra-se situado no município de Angra dos Reis, área de preservação ambiental, protegida pelo estado, de modo não é

permitida a entrada de veículos (com exceção do ônibus da Universidade), o que favorece a calma, a concentração, e o convívio pacífico, com menos distrações externas e o maior contato com os sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato), com a fauna e a flora, com os outros e consigo mesmo.

Habitar, coabitar, coabitar me!

Esqueça se de tudo, se acalma, relaxa. Vai ficar tudo bem. Se concentra em mim.

Pode existir beleza na ausência.

Arrastei-me antes de voar, hoje vôo perto do mar, amanhã estarei sem ar, mas por hoje posso te amar.

Se queres atravessar, escuta de onde vem o desejo! (Texto construído coletivamente em experiência de pensamento na ilha grande (Registros do encontro, texto coletivo – Arquivo pessoal, 2022).

A Ilha foi o lugar em que permitimos nos perder, nos manter em constante caminhada, de desopilação e recompilação, de abandono e crescimento. Precisamos nos perder para habitar de outra maneira a pesquisa? Como pesquisar quando a gente se perde? O que pode surgir a partir do perder-se? Encontramos o desconhecido ou habitamos de outra maneira o lugar onde estávamos? A abertura do perder-se está ligada a uma angústia e à dúvida, ao mesmo tempo em que à curiosidade e às perguntas. O ato de estar perdido não nos permite realizar muitas afirmações, então, perder-se desperta em nós a pedagogia das perguntas. O reconhecimento de que não sabemos de tudo, não temos todas as certezas.

As experiências de pensamentos por assentirem em um espaço de formação para formadores foram divididas entre grupos, para que cada grupo propusesse uma experiência para o grupo maior, até que se completassem todas as experiências, sendo uma por turno até se completassem os quatro dias de viagem. Em uma comunidade de investigação, os membros são convidados a nomear as atividades em que se envolvem, ou seja, os assuntos em discussão e os procedimentos de pensamento. Dentro da nossa formação, os assuntos emergiram da realidade local, usando recursos da própria ilha, para que os participantes se envolvessem na escolha das temáticas de maneira que os planejamentos fossem construídos coletivamente.

Esta proposta se conectou com os pressupostos que fundamentam a concepção de Educação Dialógica elaborada por Paulo Freire (1997, p. 122-123), quando afirma:

Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. [...] Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar o mundo.

A educação dialógica freireana se fortalece pelas perguntas. Segundo Freire, é preciso “reconhecer a existência como um ato de perguntar!” (FREIRE; FAUNDEZ, 2017/1985, p. 74).

Uma educadora deve ser uma eterna aprendiz, reconhecendo-se inconclusa, insatisfeita e sonhadora: uma educadora menina. A educadora menina se sensibiliza e luta esperançosamente por um mundo melhor.

Em uma experiência engendrada nessa lógica, pudemos nos movimentar em um modo de estar mais experientes no abandono às respostas prontas, às histórias únicas e às certezas. Nos perguntamos como um corpo diz? como um corpo dança? como um corpo comunica no movimentar-se? como se dá o encontro entre o que pode um corpo negro e o que pode um corpo branco? como abrigamos? o que é um abrigo? como experienciamos (certo/errado)? como formamos? como funciona um comando? como nos comunicamos? como escrevemos? ...Como? Por quê? O que? E se? A educação se fortalece pelas perguntas. Naquelas que são perguntas necessárias e impossíveis. Nas respostas sempre faltantes, geradoras de outras perguntas. Não seria esse, afinal, o próprio movimento da educação?

Como afirma Walter Benjamim, citado por Gomes (2017): “Perder-se requer instrução”. Esta frase que poderia nos parecer controversa, é um indicativo de movimento, assim como a ideia que perguntar exige conhecimento. O que deixa aquele “nó” na cabeça, acompanhado do “incômodo” necessário que nos põe a caminhar. Desde que iniciamos no universo da pesquisa temos o “sensamento”² constante de estarmos perdidas. Enquanto experimentávamos a ignorância de não saber, ao mesmo tempo em que agregávamos novos movimentos à nossa formação acadêmica e pessoal, pudemos perder-nos com instrução e fazer perguntas com conhecimento. Uma formação para formadores, seria uma formação para quem já sabe, ou para seres em processo? Não seria a noção de processo uma condição para pensar a educação?

Nosso encontro: sobre brincar com as palavras

Não há como pensar em uma formação para formadores em experiências de pensamentos, sem pensar em uma comunidade que acolhe e experimenta, sente e pensa junto. É preciso conceber um espaço de acolhimento e escuta de perguntas indóceis e necessárias. E a XIV Experiência de Formação do NEFI foi um ambiente propício para essas trocas. Espaço propício para a experiência de muitas histórias, conforme vemos no texto construído em experiência de pensamento:

Venha mergulhar!

² Pensamentos sentintes; sensações pensantes.

'la unica derrota es no continuar luchendo'
Azul, profundo, límpido, uma imensidão envolvente
Os desejos de amor multiplicaram-se sob a luz do sol
O regresso é vetorial, o voltar é temporal?
Uma árvore me disse: Mantenha!
Ela deve saber das coisas, afinal, já testemunhou muitas histórias." (Registros do encontro, texto coletivo – Arquivo pessoal, 2022).

Deste modo, assume-se a premissa de que “não há história, mas histórias. A história pode ser contada de diversas maneiras” (KOHAN; OLARIETA, 2012, p. 15). Também uma formação pode se tornar muitas formações em uma formação só.

Você pode gozar da liberdade, sem esconder as suas raízes! Existe um tempo sedimentado nas grandes rochas que é incompreensível na velocidade da vida; entretanto, talvez haja maneiras de experimentar esse tempo...
Quanto do mar quer ficar na areia e quanto do mar quer voltar ao mar?
Agora acontece em mim a transformação do inerte em animado. Eu me camufo, até desaparecer. Sustenta! (Registros do encontro, texto coletivo – Arquivo pessoal, 2022).

Assim, contamos de um encontro que aconteceu entre um grupo muito maior, mas também do nosso encontro, singular, dentro deste grupo. Contamos a nossa história de formação, como um fragmento das tantas outras histórias que compuseram a formação partilhada. E só pode ser assim: não há uma história oficial daquela formação, e nem poderia – não constituía a intenção do grupo em nenhum momento...mas e mesmo quando há intenção, será que a história oficial de uma formação (ou de outras coisas) não deixa escapar muito mais do que conta? –, o que há e resiste passa um emaranhado de histórias singulares em encontro.

Oxê! É uma expressão característica do estado da Bahia, no nordeste do Brasil. Pode significar estranheza, indagação ou surpresa. *Bah!* É uma expressão característica do estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Pode significar tristeza, mal-estar, alívio, surpresa, espanto ou dúvida. Nosso encontro foi uma mistura: entre o *Oxê!* e o *Bah!* fomos contando das nossas expressões e aprendendo sobre um Brasil marcado por diferenças e possibilidades. Sobre as experiências do ser pedagoga na Bahia e do ser psicóloga no Rio Grande do Sul. Sobre a pesquisa em educação, que costurava nosso encontro. Sobre a amizade e ao amor ao mundo, como resistência aos discursos de ódio³.

³ O Brasil é um país marcado por profundos conflitos, que ganharam notória profundidade diante dos processos eleitorais presidenciais nos últimos anos, com a intensificação da polarização política nacional e com a ascensão do ativismo político digital, que deram vazão aos discursos de ódio, originados pela discriminação, xenofobia e o racismo estrutural brasileiro, neste contexto delineado pela região do sul contra a região nordestina do país, especialmente, nas eleições presidenciais de 2018 e 2022 - neste último período, logo antes da formação que origina este relato. Mais informações no artigo “Liberdade de expressão e o discurso de ódio contra nordestinos nas eleições presidenciais de 2014, 2018 e 2022 no Brasil: uma análise do conflito entre direitos fundamentais”, de Gabriela Silva Bispo e Gabriel Dias Marques da Cruz (2023).

O amor ao mundo é aqui compreendido a partir de Hannah Arendt, que não abordou a questão da amizade sistematicamente, mas tem em sua obra algumas articulações que permitem a leitura da amizade como uma maneira possível de amor ao mundo, *amor mundi* – uma noção pertinente para pensarmos um presente devastado pelas sociedades massificadas:

a concepção da amizade como amor mundi que é capacidade de se associar e de se igualar aos outros através da palavra e da ação, e tradução da consciência do pertencimento ao mundo comum. Nesse sentido, a amizade apresenta-se dotada de ampla possibilidade de resistência às potências destruidoras inerentes aos processos de naturalização, massificação e solidão contemporâneas, atuais arautos da dominação. A amizade como amor mundi é, então, um começo que pode ressoar e se traduzir numa retomada da política e da ideia de república em tempos de sua redução à administração e de prevailecimento da violência. A pequena luz da amizade sinaliza a rendição à condição humana da pluralidade (AGUILAR, 2010, p. 137).

Ao brincarmos com as palavras, em encontro, pensamos sobre elas, suas distâncias e proximidades, operando numa linguagem comum, que não precisou – e não precisa! – ser a mesma. Um movimento que tem muita relação com a escuta em psicologia e com o ensinar em pedagogia, e mais além com a invenção de um mundo comum ou de um comum no mundo:

Quando propomos a amizade como condição para a ação não a estamos reconduzindo à sua tradicional visão como fraternidade, mas ao tipo de ligação entre os homens em que o cuidado ou a fundação do mundo comum aparece em primeiro plano. Ao mesmo tempo, estamos reivindicando um lugar para a liberdade na política. Uma forma de governo sem vínculo entre os cidadãos mostrou-se possível tanto no totalitarismo quanto nas atuais sociedades de massas. Apontar a amizade, nesse caso, é exigir que o poder venha reconduzido ao seu sentido originário, isto é, fundado na capacidade de agir e falar dos homens. Sem a amizade política podemos ter governo, administração, dominação, mas não poder político. Ligar amizade à ação é, desse modo, por um lado, pensar uma forma de amizade que supera a sua visão tradicional como fraternidade, assim como a visão atual que a reduz a intimidade; por outro lado, é pensar a política como fundadora do mundo comum e não como instância separada da convivência dos cidadãos (AGUILAR, 2010, p. 141).

E assim, em formação, assumimos as experiências filosóficas como meio de partilha para uma construção individual e coletiva, celebrando a democracia e a heterogeneidade do grupo, como um convite para a experiência de pensamento.

Considerações Finais

A XIV Formação do NEFI ecoa na pedagogia, na psicologia e na pesquisa em educação, em nosso recordar partilhado da formação-experiência inconclusa, que segue, na medida em que nos transforma, especialmente, pelo assumir-nos pesquisadoras aprendizes, insatisfeitas e sonhadoras. Recordamos, nesse movimento, o/a educador/a menino/a, que se sensibiliza e luta

Faundez, A; Freire, P. (2017/1985). *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Paz e Terra. Recuperado de <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/15.-Por-umaPedagogia-da-Pergunta.pdf>

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez.

Gomes, V.C.A.D. (2017). *Dialogar, Conversar e Experienciar o Filosofar na Escola*

Pública: Encontros e Desencontros. 1 ed. Rio de Janeiro: NEFI Edições. Recuperado de https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10450/1/Tese_Vanise%20de%20C%20de%20A%20D%20Gomes.pdf

Kohan, W. O. (2021). Sobre as perguntas em educação ou sobre uma educação no perguntar. *Lpais*. Recuperado de https://www.lapes.org/files/ugd/c3ccc5_ce58902af461422db14c9a9ad911871c.pdf?index=true&lang=es

Kohan, W. O.; Olarieta, B. F. (2012). *A escola pública aposta no pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica.